

## **A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

### **THE ASSESSMENT OF LEARNING IN THE CONTEXT OF REMOTE EDUCATION: CHALLENGES AND POSSIBILITIES**

Belchior Ribeiro Leite<sup>1</sup> e Rosa Amélia Pereira Da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo apontar os desafios e as principais possibilidades da avaliação da aprendizagem no contexto do ensino remoto, além de trazer à tona discussões sobre os aspectos teóricos e práticos da avaliação e a importância da avaliação formativa para a aprendizagem. O estudo configurou-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de revisão bibliográfica e o itinerário metodológico compreende a leitura e análise interpretativa e descritiva de livros, tais como Luckesi (2011), Perrenoud (1999), Fernandes (2009), Fernandes (2019), Hoffmann (2019), Hoffmann (2019b), entre outros, além de informações expressas na LDB e de artigos científicos referentes à temática em estudo. Os resultados revelaram que, no contexto do ensino remoto, a ação de avaliar a aprendizagem se complexificou ainda mais, a formação profissional do professor em relação à tecnologia é um grande entrave para utilizar as modernas ferramentas tecnológicas digitais. Além disso, há também a dificuldade dos discentes em relação a ter um aparato tecnológico de qualidade e uma boa internet. Neste contexto, a prática do exame, precisa ser revista e remodelada. Conclui-se que, em qualquer contexto educacional, existem muitas possibilidades e estratégias pedagógicas para sair da prática do exame e utilizar a avaliação formativa, ação que ajuda o professor a ensinar e o estudante a aprender.

**Palavras-chave:** Ensino remoto, Avaliação da Aprendizagem, Avaliação tradicional, Avaliação Mediadora.

**ABSTRACT:** The article aims to point out the challenges and main possibilities of learning assessment in the context of remote teaching, in addition to bringing up discussions about the theoretical and practical aspects of assessment and the importance of formative assessment for learning. The study was configured as a research with a qualitative approach of bibliographic review and the methodological itinerary comprises the reading and interpretative and descriptive analysis of books, such as Luckesi (2011), Perrenoud (1999), Fernandes (2009), Fernandes (2019), Hoffmann (2019), Hoffmann (2019b), among others, in addition to information expressed in the LDB and scientific articles related to the subject under study. The results revealed that, in the context of remote teaching, the action of evaluating learning has become even more complex, the teacher's professional training in relation to technology is a major obstacle to using modern digital technological tools. In addition, there is also the difficulty of students in relation to having a quality technological apparatus and a good internet. In this context, the practice of the exam needs to be reviewed and remodeled. It is concluded that, in any educational context, there are many possibilities and pedagogical strategies to leave the exam practice and use formative assessment, an action that helps the teacher to teach and the student to learn..

**Keywords:** Remote Learning, Learning Assessment, Traditional Assessment, Mediator Assessment.

<sup>1</sup> Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo IFB - Instituto Federal de Brasília ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8999-2442> - LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3208015211040432>  
Email: [belchior.ribeiro@gmail.com](mailto:belchior.ribeiro@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional no Instituto Federal de Brasília (IFB). Pós-doutora em Letras Modernas (USP), mestra e doutora em Letras: Literatura e Práticas Sociais. Licenciada em Letras (UEMG) e bacharela em Filosofia (UnB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8949-0883> - LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5521605953115875>  
Email: [rosameliasilva@gmail.com](mailto:rosameliasilva@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia mundial de COVID-19 em março de 2020. Por esse motivo, a maioria dos países iniciaram medidas para conter a propagação do Coronavírus, tais como medidas higiênicas, distanciamento e isolamento social. Com isso, as escolas tiveram que paralisar suas atividades presenciais para evitar a circulação de pessoas e o contágio da doença. Disso derivaram decisões para a manutenção do ano letivo (OMS, 2020).

O contexto educacional nos últimos 20 meses, com a reestruturação das aulas presenciais para o ensino remoto, tornou-se mais complexa a atividade docente. Segundo Garcia *et. al.* (2020), os professores tiveram de reorganizar-se pedagogicamente, para dominar diversas ferramentas tecnológicas no sentido de realizar a mediação dos conteúdos e a interação com os estudantes, além de definir novas estratégias pedagógicas a serem adotadas. Nesse sentido, esta pesquisa foca em uma das ações de fundamental importância para o processo de ensino-aprendizagem: a avaliação.

A avaliação da aprendizagem sempre foi uma ação bastante complexa. Conforme explica Luckesi (2011), comumente os professores pensam estar avaliando os estudantes, quando, na verdade, estão apenas examinando. No ensino remoto, a avaliação se tornou um processo pedagógico mais complexo ainda. “São muitos os desafios enfrentados nessa nova forma de ensino que vão desde preparar os professores para atuar nas plataformas até disponibilizar para que os estudantes tenham acesso às aulas remotas” (VIEIRA; RICCI, 2020 apud GUEDES; RANGEL, p. 21).

Diante do exposto, surge o questionamento: diante de toda a complexidade do ensino remoto, quais são os desafios e quais são as principais possibilidades da avaliação da aprendizagem nesse novo contexto?

As reflexões acerca da avaliação, postas neste artigo, surgem da análise feita em torno dos dados bibliográficos coletados. Tem a finalidade de identificar os desafios e as principais possibilidades da avaliação da aprendizagem no contexto do ensino remoto, além de trazer à tona discussões sobre os aspectos teóricos e práticos da avaliação e sobre a importância da avaliação formativa para a aprendizagem.

Desse modo, o trabalho está organizado em três partes a seguir. A primeira parte trata dos aspectos teóricos e práticos da avaliação. Na segunda parte, realizamos algumas reflexões acerca da importância da avaliação formativa para a aprendizagem. Por fim, a terceira parte, trazemos alguns desafios e algumas possibilidades da avaliação como aprendizagem no contexto do ensino remoto.

## METODOLOGIA

O estudo configurou-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa de revisão bibliográfica. Partiu-se do pressuposto de que “[a] pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 166). O intento aqui se centrou em desenvolver novas abordagens para ampliar as reflexões relacionadas ao assunto.

Neste estudo foram encontrados vários artigos e diversos livros. Contudo, considerando-se os objetivos da pesquisa, utilizou-se os artigos e livros conforme o quadro 1, além da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/1996.

Quadro1: Caracterização do levantamento bibliográfico

Título	Ano	Autores	Artigo/livro. /lei	Vol. Núm. Pág.
A prática educativa	1998	Antoni Zaballa	Livro	224p.
Aprendizagem. e o ensino remoto emergencial: reflexões em tempos de covid-19	2021	Guilherme Mendes Tomaz dos Santos e Júlio Paulo Cabral dos Reis	Artigo	26p.
Avaliação: Da excelência à regulação das aprendizagens	1999	Philippe Perrenoud	Livro	184p.
A avaliação da aprendizagem escolar	2013	Celso Antunes	Livro	10.ed. 54p.
Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições	2011	Cipriano Carlos Luckesi	Livro	22.ed. 272p.
A avaliação da aprendizagem no contexto do ensino remoto: desafios e possibilidades	2021	Erica Dantas da Silva, Maria da Conceição Costa, Adriana Moreira de Souza Corrêa	Artigo	Vol. 05, 23p.
Avaliação da aprendizagem e ensino remoto: o que dizem os professores	2021	Fabiano Santos, Hellen Jaqueline Marques e Maria Aparecida Dias de Moura	Artigo	Vol.27, 20p.
A avaliação formativa no ensino remoto: algumas reflexões acerca da ação docente	2021	Antônia Dalva França-Carvalho, Zilda Tizziana Santos Araújo, Gisele de Souza Serafim e Jucyelle da Silva Souza	Artigo	Vol.21, 9p.
Avaliação formativa e formação de professor: ainda um desafio	2006	Benigna Maria Freitas Villas Boas	Artigo	Vol.12, 15p.
Avaliação formativa: estratégia no ensino remoto na pandemia de covid-19	2022	José Pinheiro de Queiroz-Neto, Alexandra Nascimento de Andrade, Clisivânia Duarte de Souza e Emanuelle Lorena Teixeira Chagas	Artigo	Vol.33, 16p.
Avaliação: mito e desafio	2019	Jussara Hoffmann	Livro	46.ed.160 p.
Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola à universidade	2019	Jussara Hoffmann	Livro	35.ed.192 p.
Avaliar para aprender: fundamentos práticos e políticas	2009	Domingos Fernandes	Livro	221p.
Ensino remoto e o ofício do professor em tempos de pandemia	2021	Douglas de Souza Guedes e Tauã Lima Verdan Rangel	Artigo	20p.
Ensino remoto e a pandemia de covid-19	2021	Elói Martins Senhoras	Livro	Vol.89, 121p.
Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização das aulas	2020	Tania Cristina Meira Garcia, Ione Rodrigues Diniz Moraes, Lilia Giotto Zaros e Maria Carmem Freire Diógenes Rego	Ebook	18p.
Fundamentos de metodologia científica	2010	Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos	Livro	22.ed. 299p.
Práticas de avaliação da aprendizagem em tempos de ensino remoto	2021	Jones Baroni Ferreira de Menezes	Artigo	Vol.02, 13p.
Preciso saber se estou indo bem: uma história sobre a importância de dar e receber feedback	2005	Richard L. Willianns	Livro	137p.
Rubricas de Avaliação	2019	Domingos Fernandes	Ebook	14p.

Fonte: Elaboração própria

O material selecionado acima foi analisado de maneira interpretativa e descritiva, sendo discutido na próxima seção.

### RESULTADOS

A pesquisa bibliográfica possibilitou algumas reflexões acerca dos aspectos teóricos e práticos da avaliação. Realizou-se também uma discussão acerca da importância da avaliação formativa para a aprendizagem. Por fim, após análise das categorias temáticas, apresentam-se os desafios e as possibilidades para a avaliação como aprendizagem no contexto do ensino remoto.

#### Aspectos teóricos e práticos da avaliação

No âmbito da Educação, a avaliação amplamente discutida é uma ação didática bastante complexa, que não deve se restringir à realização de provas e à atribuição de notas, ou seja, não deve ser somente uma avaliativa centrada na medição. Vale lembrar que, em pleno século XXI, nem todos os professores utilizam a avaliação de forma a cooperar com a aprendizagem dos discentes, a verificar o que está bom e o que pode melhorar, a confirmar se os objetivos propostos estão sendo alcançados e, com resultados em mãos, realizar as intervenções pedagógicas necessárias.

Mesmo com tantos avanços teóricos relacionados às práticas pedagógicas, a avaliação ainda tem sido utilizada como instrumento de poder, com autoritarismo, com julgamento de resultados, com notas e médias para a aprovação e reprovação.

A ação de avaliar, em muitos casos, ainda vem sendo utilizada como sinônimo de examinar e/ou simplesmente mensurar. Sendo assim, porque estamos situados no contexto escolar que deve primar pela aprendizagem, precisamos entender que a avaliação é diferente de exame. O exame se refere à prova como único instrumento, diz respeito a dados quantitativos, classifica os melhores e os piores numa hierarquia verticalizada, no qual os "melhores" ficam no topo do pódio e os "piores" são excluídos e taxados de incapazes.

A avaliação, especificamente a avaliação da aprendizagem, utiliza-se de inúmeros instrumentos, num processo construtivo que visa incluir e promover, ao invés de classificar e excluir. Para Luckesi,

[o] ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessária. Assim, a avaliação é diagnóstica. Com a investigação sobre o desempenho escolar dos estudantes, ela gera um conhecimento sobre o seu estado de aprendizagem e, assim, tanto é importante o que ele aprendeu como o que ele ainda não aprendeu (LUCKESI, 2011, p. 62)

No processo avaliativo, como o próprio conceito sugere, avalia-se a ação dos sujeitos, praticamente em todas as atividades e situações de suas vidas. Numa análise mais ampla, observa-se que a avaliação está presente em todos os âmbitos da humanidade: na família, local onde o ser inicia o seu convívio com o outro; nas brincadeiras infantis e juvenis, cujas relações fortalecem os vínculos afetivos; nos ambientes religiosos; nas associações locais; nos movimentos sociais e; essencialmente, de maneira sistematizada, na escola, local propício para tal prática.

No que se refere a este último ambiente, conforme Luckesi (2011) há uma preocupação constante na realização da avaliação, pois quase não existe uma integração entre a teoria até à prática, ou seja, existe uma distância acentuada entre ambas. Nesse sentido, fala-se muito em avaliação processual e/ou contínua na teoria, entretanto, partindo para a prática, observa-se que isso pouco acontece. A forma tradicional de avaliar revela que ocorre, comumente, após as atividades de mensuração das aprendizagens dos estudantes, a classificação de acordo com os níveis de aproveitamento pré-estabelecidos.

Para romper com esta tradição classificatória e excludente de avaliação, é imprescindível que haja o rompimento com tais práticas e discursos. É necessário promover uma avaliação que realmente venha orientar o estudo do aluno e promover a sua aprendizagem. Amplia-se a atuação do pedagógico do professor, favorece-se a aprendizagem de ambos.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem, apresenta três tipos de funções, as quais são, a diagnóstica, a formativa e a somativa. A avaliação diagnóstica, geralmente ocorre no início do ano letivo, mas pode acontecer, também, em outros períodos do ano. Essa função da avaliação objetiva sondar os conhecimentos que os estudantes possuem para, em seguida, realizar uma tomada de decisão em relação ao que aprender, ou seja, "deverá ser um instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos" (LUCKESI, 2011, p. 91). Para este teórico, a tradição nos mostra que pouco se realiza a avaliação diagnóstica. Como o ensino é seriado, parte-se do pressuposto que todos os estudantes tenham os mesmos pré-requisitos para aprender o que precisa ser ensinado em determinada série.

A função formativa da avaliação, como o próprio nome já sugere, ocorre durante o processo, com a finalidade de promover o desenvolvimento, tanto do professor quanto do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos. Já a avaliação somativa ocorre após cada período escolar, com o objetivo de avaliar o resultado da aprendizagem de forma quantitativa. A avaliação somativa, para Perrenoud (1999, p. 11) "é tradicionalmente associada, na escola, à criação de hierarquias de excelência. Os

alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida no absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos".

Luckesi (2011) estabelece duas lógicas no que tange ao sistema de avaliação, sendo uma tradicional e outra emergente. Na primeira, a avaliação está a serviço da seleção e em consonância com os ideais da sociedade capitalista, na manutenção do *status quo*, por isso, a avaliação é de cunho classificatório. Na segunda, a avaliação está a serviço das aprendizagens, ou seja, é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada e luta contra o fracasso e as desigualdades. Em outras palavras, essas duas lógicas pressupõem, de um lado, a avaliação somativa, tradicional, classificatória, de outro, a avaliação formativa, que ajuda o professor ensinar e o aluno aprender.

A avaliação classificatória, conforme Hoffmann (2019) possui alguns mitos. Entre eles, podemos destacar: é preciso dar todo o conteúdo; o sistema exige, é um mal necessário; testes e provas finais são instrumentos mais eficazes; notas e médias são mais precisas e justas. Como a pesquisadora sugere, a superação desses mitos, por meio de práticas progressistas - partindo de uma análise crítica das realidades sociais, a defesa da autogestão pedagógica e o antiautoritarismo - e posturas pedagógicas ao avaliar, é muito necessária, mas requer a realização de inovações curriculares, mais autonomia pedagógica por parte dos docentes e uma avaliação com prevalência dos aspectos qualitativos. Aplicando tais ideias ao contexto atual, observa-se que a avaliação da aprendizagem, no ensino remoto, exige muito mais inovação e sensibilidade como alternativa à superação de tais mitos. Contudo, ressalta-se, pode ser o momento propício para a mudança de concepção e de práticas avaliativas.

Fernandes (2009) afirma que existem três razões que justificam a necessidade de mudanças no atual cenário das práticas de avaliação: desenvolvimento das teorias de aprendizagem, desenvolvimento das teorias de currículo e a democratização das escolas públicas. Desse modo, as teorias de aprendizagem mais antigas não respondem às modernas formas de avaliar que o sistema exige. Por isso, a avaliação tem de abranger processos mais complexos de pensamento, tem de contribuir para motivar os estudantes nas resoluções de problemas e para a valorização de aspectos de natureza socioafetiva, de centrar mais nas estratégias metacognitivas a serem utilizadas pelos discentes.

Quanto à segunda razão, o que interessa ressaltar é que os currículos atuais nos lançam desafios que vão muito além do ensino tradicional, o qual prima pela memorização de conhecimentos, expostos a partir de procedimentos rotineiros, e ainda

explora a figura central o professor aulista, palestrante. Além disso, a terceira razão, que se refere à democratização das escolas públicas, destacada pelo referido pensador, parte do pressuposto de que a avaliação pode segregar ou pode integrar.

Considerando estes dois polos opostos, a avaliação pode melhorar a autoestima dos estudantes ou pode piorá-la, ou, em casos extremos, pode mesmo destruí-la; a avaliação pode orientar o percurso escolar dos discentes ou pode afastá-los de qualquer percurso. Portanto, as mudanças e melhorias que se introduzem nos sistemas educacionais, com vistas à sua real democratização, precisam ser acompanhadas de esforços que nos permitam repensar a maneira pela qual é conduzida a avaliação das aprendizagens.

### **A importância da avaliação formativa para a aprendizagem**

A avaliação formativa vem sendo amplamente discutida na atualidade. Contudo, de acordo com Perrenoud (1999), essa discussão nem sempre sai do papel, muitas vezes restringe-se, somente, à teoria. Acredita-se que, em tempos de ensino remoto, em virtude da pandemia do Coronavírus, essa função da avaliação, se colocada em prática, poderá ser um fator que irá auxiliar positivamente na aprendizagem dos estudantes. A avaliação formativa possui a função de controlar o processo ensino-aprendizagem e deve ser realizada durante o processo, com o intento de verificar se os estudantes estão atingindo os objetivos propostos. Caso não esteja atingindo os objetivos, será necessário realizar intervenções pedagógicas para sanar as dificuldades e desenvolver as aprendizagens não concretizadas, de forma que todos possam aprender. Devido a este caráter interventivo, necessário para o avanço, é que essa perspectiva de avaliação é considerada formativa, porque ela constitui o processo e contribui para a formação do estudante.

A lei maior da Educação, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996 valoriza, mesmo que timidamente, a prática da avaliação formativa. Para a LDB "a avaliação do desempenho do aluno deve ser contínua e cumulativa com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais" (LDB, Art. 24, Inciso V, a). Desse modo, a lei preconiza dar prioridade nos aspectos qualitativos e ocorrer prioritariamente no decorrer do processo. Todavia, prevê a realização de exames e provas finais.

É possível entender que "é formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo" (PERRENOUD, 1999, p. 103). Também, Queiroz-Neto *et. al.* (2022) garantem que

“a avaliação formativa ou continuada tem função diagnóstica, processual, descritiva e qualitativa”. Logo, se a avaliação apresenta papel classificatório e excludente, ela não cumpre a sua tarefa de regular e transformar a aprendizagem, muito menos contribui para regulação do planejamento do professor. E ainda esse pensador acrescenta que “uma avaliação formativa coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas, sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e as aquisições dos alunos”(PERRENOUD, 1999,p. 149).

Do mesmo modo, Hoffmann (2019b) apresenta o termo avaliação mediadora, no qual seus pressupostos convergem com as ideias propostas pela avaliação formativa. Na avaliação mediadora, destaca-se a importância do papel do professor no sentido de observar o aluno e mediar, ou seja, dialogar acerca das melhores formas que visem a melhorar a aprendizagem dos estudantes, além de poder ver não o que o aluno sabe, mas interpretar o que ele sabe – e não aprendeu ainda – através da relação e do diálogo um com o outro. Nesse processo, é a avaliação que vai direcionar o planejamento e a sua (re)condução. Em vista disso, tanto a prática da avaliação formativa quanto a avaliação mediadora estão a favor da aprendizagem e mostram que acompanhar os alunos apenas com números e notas não revela um processo construtivo para a aprendizagem, pois são arbitrários e superficiais.

A avaliação formativa ou mediadora contribui para a construção dos conhecimentos, balizando o processo de forma democrática e profunda, uma vez que parte dos conhecimentos prévios e se assenta numa perspectiva de aprendizagem significativa, em que se busca ampliar ideias e conhecimentos a partir do que se conhece associando a novos conteúdos.

Infelizmente, percebe-se que uma grande maioria dos professores não aprendeu o real significado do que seja realmente avaliar. Para Luckesi (2011: p. 30), aprender a avaliar “significa aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas concomitante a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática”, desenvolver os conceitos na práxis mesmo. Os conceitos poderão ser compreendidos nas leituras que buscamos na literatura existente acerca da temática e, também, na formação continuada, porém, na prática deverá ser aprendida no dia a dia da sala de aula, através de experiências, investigações, na busca de outras possibilidades e com instrumentos variados, de forma dialética, ampliando a reflexão e promovendo uma prática avaliativa renovadora.

Ainda a partir de Luckesi (2011), considera-se que é preciso dar atenção à prática avaliativa, ou seja, utilizar instrumentos adequados para coletar dados, dar atenção suficiente às necessidades dos educandos, as quais só se revelam a partir

da interação e da confiança. Sendo assim, é essencial liderar com entusiasmo, os educandos, nas aulas.

Para fugir do aspecto classificatório imposto pela avaliação tradicional, sob a forma de mensuração e hierarquização dos estudantes, Luckesi (2011, p. 55) assevera que, ao avaliar, é preciso “coletar, analisar e sintetizar de forma mais objetiva possível, as manifestações das condutas - cognitivas, afetivas, psicomotoras - dos educandos, produzindo uma configuração do efetivamente aprendido”. Para o autor, a avaliação deverá, também, atribuir uma qualidade à configuração da aprendizagem, a partir do nível de expectativa preestabelecido e admitido como válido para docentes e especialistas dos conteúdos que estejam sendo trabalhados. A partir da qualificação, tomar uma decisão sobre as condutas de docentes e discentes a serem seguidas, caso necessário realizar as intervenções procedentes.

Para diversificar ao máximo as atividades de avaliação da aprendizagem na perspectiva da avaliação formativa, não se deve focar no conteúdo trabalhado, ou focar na memorização dos conteúdos conceituais, mas deve, sim, privilegiar a aplicação desses conteúdos em situações de vida real, mesmo que de forma simulada em sala de aula. Neste caminho, a avaliação privilegia os conteúdos conceituais e procedimentais, uma vez que o estudante, para mostrar que aprendeu, terá que aplicar o que aprendeu. Como se pode ver: “o foco de uma avaliação jamais deve estar centrado no conteúdo trabalhado, mas na capacidade de contextualização revelada pelo aluno em aplicar os ensinamentos desse conteúdo em outros níveis de pensamento, outras situações e até mesmo outras disciplinas” (ANTUNES, 2013, p.32).

De acordo com Queiroz-Neto *et. al.* (2022), a avaliação formativa tem uma aplicação mais efetiva com o uso das metodologias ativas pelo professor em suas aulas. A aprendizagem por metodologias ativas ocorre quando o estudante rompe com uma postura passiva diante do aprendizado e interage com ele, indagando, ouvindo, refletindo e construindo o conhecimento em conjunto com o professor. O discente deixa de ser somente um receptor e passa a ser protagonista de sua própria aprendizagem. Vale lembrar que este processo pode ser mediado por recursos tecnológicos, mas pode ser realizado também fora desses recursos.

Ao se discutir a avaliação formativa fica evidente a importância da comunicação e do diálogo entre alunos e entre alunos e professores. Destacamos o feedback como uma estratégia bastante eficiente nesse processo formativo. Em outras palavras, manter o aluno informado quanto às considerações que o professor faz acerca de suas aprendizagens, por meio de *feedbacks*, ajuda-o a ter consciência do que ele sabe, como ele pode aprender e como ele pode alcançar o seu potencial máxi-

mo. Portanto, Willians (2005) acrescenta que o *feedback*, quando é dado de maneira eficiente, se torna numa das melhores possibilidades de comunicação e pode gerar uma relação de respeito e de confiança entre quem dá e entre quem recebe, ou seja, nesse caso, o professor e o aluno.

Por meio da comunicação expressa no *feedback* é possível que o professor compreenda as alterações que deve fazer na sua prática educativa e que atenda às necessidades dos alunos. Dessa maneira, Fernandes (2009) afirma que o *feedback* desempenha um papel essencial na aprendizagem pois, através dele, os discentes são lembrados dos níveis de aprendizagem, ou dos padrões, que é preciso alcançar e ficam cientes dos seus próprios progressos, considerando a comparação com seus desempenhos anteriores ou critérios preestabelecidos.

O objetivo da avaliação formativa, conforme Queiroz-Neto et. al. (2002), é possibilitar ao estudante e ao professor um *feedback* reflexivo sobre o processo da aprendizagem, devendo ser considerados, nessa reflexão, os procedimentos, as metodologias e a possibilidade de diversificação das estratégias utilizadas em função da aprendizagem dos discentes. Sobre os discentes é necessária uma reflexão sobre os esforços empreendidos e as dificuldades a serem superadas. Desse modo, em um esforço coletivo, discentes e docentes reorientam suas práticas em busca da melhoria dos resultados alcançados.

Outro elemento fundamental na prática da avaliação formativa é a autoavaliação. É um método que consiste no aluno avaliar ele mesmo e é eficaz, pois traz autonomia em seu processo de aprendizagem, além de compreender os objetivos em relação ao processo de aquisição do conhecimento. Ademais, é necessário que os estudantes já tenham em mente os critérios de sua autoavaliação definidas pelo professor, para que o processo avaliativo obtenha sucesso e esteja, também, em prol da aprendizagem. Então, pela autoavaliação, na prática, "atinge-se o desenvolvimento das atividades cognitivas como forma de melhoria da regulação das aprendizagens, pelo aumento do autocontrole e a diminuição da regulação externa do professor" (VILLAS BOAS, 2006, p. 78).

Para tanto, no sentido de apoiar a avaliação, especificamente a avaliação formativa, indicam-se as rubricas de avaliação. "As rubricas podem ser excelentes auxiliares para ajudarem quer os alunos, quer os professores a avaliar a qualidade do que é necessário aprender e saber fazer" (FERNANDES, 2019, p. 3). Além disso, "as rubricas deverão incluir o conjunto de critérios que se considera traduzir bem o que é desejável que os alunos aprendam e, para cada critério, um número de descrições de níveis de desempenho" (FERNANDES, 2019, p. 3).

Cabe ressaltar que as rubricas de avaliação são compostas, de maneira concisa, pelos seguintes componentes: descrição

detalhada da atividade; as dimensões da atividade, que se refere aos aspectos que serão avaliados; uma escala que descreve diferentes níveis de desempenho e descrição dos diferentes níveis de desempenho em cada uma das suas dimensões da atividade. Enfim, as rubricas podem ser utilizadas em qualquer nível de ensino e em qualquer percurso de formação, podendo ser um instrumento aliado da avaliação da aprendizagem no contexto do ensino remoto, pelo qual estamos vivenciando.

### **Desafios e possibilidades para a avaliação como aprendizagem no contexto do ensino remoto**

O ensino remoto e/ou ensino remoto emergencial foi a forma encontrada pelos sistemas educacionais, com o auxílio de ferramentas tecnológicas digitais, de manter o processo ensino-aprendizagem em um contexto pandêmico. O foco principal dado a essa nova forma de ensino é que cada escola, conforme sua realidade, pudesse se adequar, se adaptar e preparar as estratégias de aprendizagem para os estudantes de maneira a democratizar o conhecimento para a continuidade do processo de ensinar e aprender (SANTOS; REIS, 2021).

Há mais de um ano, dezenas de milhões de estudantes da rede de educação básica brasileira estão com suas rotinas alteradas devido ao contexto de pandemia. Com isso, os docentes têm, junto com suas redes de ensino, enfrentado o novo formato das aulas *online*, nesse extenso período de distanciamento social. Diante dessa situação, um fator que tem desafiado e elevado as preocupações dos docentes e de pais e responsáveis é a realização da avaliação, pois, com o ensino remoto, esse assunto tornou-se um gargalo a ser superado por todos eles. Nesse sentido, os professores junto com as equipes pedagógicas estão trabalhando duramente para encontrar possibilidades e alternativas para realizar a avaliação das aprendizagens dos estudantes.

Com o ensino remoto, a necessidade de avaliar permanece. Conforme asseguram França-Carvalho et. al. (2021), a avaliação é um processo indispensável no que se refere ao ensino e à aprendizagem dos estudantes. Os autores garantem que, com a nova modalidade de ensino (o ensino remoto), surge a necessidade de repensar antigas práticas de avaliar, oriundas de um sistema engessado, que possibilita apenas a classificação do discente mediante a sua aprovação. Desse modo, no ensino remoto, o docente precisa inovar a sua prática, com o auxílio dos recursos tecnológicos e ressignificar a sua ação, diante das mudanças que estão ocorrendo no cenário educativo com vistas "a uma nova postura para ensinar e avaliar" (QUEIROZ-NETO ET. AL, 2022, p. 6).

Dentro dessa lógica, parece ser bastante desafiador, contudo, precisa ser uma possibilidade, mesmo nesse contexto que

estamos vivendo, a avaliação deve contemplar os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais propostos por Zabala (1998) na perspectiva da formação integral do estudante. Nesse sentido, uma atividade avaliativa que contemple somente o saber teórico, os conteúdos, as definições e os valores, mas não contextualiza com a possível realidade do estudante, mesmo que de forma simulada, e não contempla o saber prático, se torna limitada.

O essencial é oportunizar o conhecimento, a execução de alguma prática que exija a aplicação desse conhecimento, a participação e a exposição de ideias, ou seja, a avaliação precisa primar pelo saber, por aplicar o saber, o saber ser e o saber fazer numa simulação de vida real. Em outras palavras, "o professor, ao praticar a avaliação formativa, pode ser levado a se interessar pelos menores aspectos da personalidade, do funcionamento mental e da vida cotidiana de alguns de seus alunos" (PERRENOUD, 1999, p. 133).

No entanto, Menezes (2021) afirma que a cultura das escolas, no que se refere à prática da avaliação, ainda prioriza os exames, processos que hierarquizam os discentes em bons ou ruins, ao invés de realizarem a avaliação formativa, processo que avalia qualitativamente os estudantes. Em tempos de ensino remoto, esse procedimento do exame, que transforma em notas os erros e os acertos, se torna muito mais complexo. Diante da possível falta de autonomia dos discentes para se organizarem fora do contexto escolar, da carência de recursos didático-pedagógicos, da ausência de internet para muitos e até mesmo de um ambiente tranquilo para estudo são questões que exigem uma forma de avaliação diferente do modelo tradicional.

Além dos aspectos que se referem aos discentes, Santos, Marques e Moura (2021) apontam alguns desafios para os docentes no contexto de ensino remoto quando se trata de aplicar a avaliação da aprendizagem. A falta de preparo dos docentes para usarem os recursos tecnológicos digitais aliada à uma formação profissional precária se torna um grande entrave para que se desenvolva um processo avaliativo das estratégias de aprendizagem. Existe, ainda, devido ao modelo, a impossibilidade de um diagnóstico preciso em relação ao conhecimento dos estudantes, além da incapacidade de realizar um acompanhamento mais próximo das atividades enviadas via plataformas.

Durante o ensino remoto Silva, Costa e Corrêa (2021) apregoam que o docente tem o desafio de utilizar, com competência, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), com o objeto de diversificar, dentro de suas possibilidades, as práticas e os instrumentos avaliativos, para que a avaliação do estudante ocorra de maneira inclusiva. Dessa

maneira, o professor oportuniza ao discente o direito democrático de acesso ao processo de ensino-aprendizagem, com atividades que de fato, concretizem a sua aprendizagem.

Com a finalidade de superar, mesmo que em parte, os desafios que a situação atual nos impõe, no que tange à avaliação como aprendizagem, é preciso ter em mente algumas possibilidades. Entre elas, pode-se citar: o uso de tecnologias digitais, os objetivos claros e definidos, a avaliação qualitativa, as devoluções de progressos, os instrumentos variados e a comparação do estudante consigo mesmo.

No contexto do ensino remoto, as tecnologias digitais, se bem usadas, se revelam aliadas ao processo de avaliação, mesmo porque é a forma pela qual alcançam-se os estudantes no desenvolvimento de estratégias para a aprendizagem. Para Menezes (2021), os questionários e prints via *Whatsapp*, os questionários no *Google Forms*, a gravação de vídeos, as atividades no *Google Classroom*, os quizzes e atividades nas plataformas *Kahoot*, *Socrative*, *Mentimeter* e *Padlet* são bons exemplos de instrumentos da tecnologia digital a serem usados nas aulas síncronas ou assíncronas no sentido de acompanhar o desenvolvimento das atividades e realizar a avaliação da aprendizagem. Esses recursos propiciam a interação entre os usuários, possibilitando a mediação, comunicação e a promoção de debates e reflexões, que, se bem acompanhados, podem contribuir para o processo avaliativo.

Nesse caso visa-se uma avaliação qualitativa, centra-se em todo processo de ensino-aprendizagem, o qual requer um diagnóstico do processo de forma contínua e sistemática. Também, a ação de avaliar de maneira qualitativa exige tanto do professor quanto dos alunos uma postura de responsabilidade, autonomia e atitude crítica perante as aprendizagens que estão sendo adquiridas. Nesse sentido, a avaliação qualitativa faz parte da avaliação formativa, que por sua vez é também chamada de avaliação mediadora pela Professora Jussara Hoffmann. "A ação avaliativa mediadora tem a intenção de contribuir para a superação de quaisquer posicionamentos classificatórios, arbitrários, excludentes que reforcem as relações de poder no ambiente escolar" (HOFFMANN, 2019b, p.105).

É essencial que os estudantes desenvolvam consciência sobre o processo de aprendizagem do qual fazem parte, sobre o que aprenderam e o que podem melhorar. As devoluções de progressos realizadas pelos professores – comparando o estágio anterior ao estágio posterior a uma estratégia de aprendizagem – sinônimas de *feedback*, revelam-se uma estratégia bastante eficiente para o acompanhamento, nas palavras de Fernandes (2009, p.66) "[é] através dele, que os professores comunicam aos alunos seu estado em relação às aprendizagens e às orientações que, supostamente, ajudarão a ultrapassar even-

tuais dificuldades".

O *feedback*, para Santos e Reis (2021) é um elemento-chave para o sucesso acadêmico, defende que, em um processo avaliativo, ele deve estar sempre presente, pois, ao responder o *feedback* docente, o discente também contribui para motivar o docente em suas práticas pedagógicas de forma a repensá-las e replanejá-las.

As formas de avaliar, em todos os cenários educacionais, sobretudo neste período de ensino remoto, deve abarcar a maior variedade e diversidade possível de instrumentos. Podem ser utilizados pelos educadores: pesquisas, rodas de conversa virtual, debates, seminários, observações, portfólios, filmagens, produções orais e escritas. Por meio destes instrumentos, é possível que o educador reconheça as dificuldades dos educandos e a partir deles possa traçar novos caminhos, realizar novas intervenções pedagógicas e, caso necessário, modifique a sua metodologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o ensino remoto, os desafios da avaliação da aprendizagem apenas se tornaram mais complexos do que eram antes de iniciar a pandemia de COVID-19. Na verdade, a pandemia propiciou às instituições escolares ligarem o sinal de alerta quanto aos problemas educacionais, entre eles, a avaliação da aprendizagem. Desse modo, em alguns casos, professores passaram a avaliar mais pelo bom senso do que de maneira tradicional.

Os maiores desafios concernentes à prática do processo avaliativo, no ensino remoto, estão relacionados à formação profissional precária do professor. Entretanto, tais desafios não dependem somente do educador, mas passa, primordialmente, por ele. Em vista disso, além das dificuldades em lidar com as ferramentas tecnológicas digitais, ainda há a questão em saber o que e como avaliar os estudantes fora da perspectiva quantitativa tradicional. Espera-se, com esta reflexão, ter apontado alguns caminhos.

Outro fator que tem sido um entrave no processo de ensino-aprendizagem, em especial a avaliação, é a dificuldade dos discentes em relação a ter um aparato tecnológico de qualidade e uma boa internet. Em muitos casos, um único aparelho de celular, numa mesma família, é compartilhado e utilizado por mais de um estudante. Sendo assim, entende-se que na atual realidade brasileira, em todos os níveis de ensino, mais precisamente na Educação Básica é extremamente precária no que se refere ao uso das novas tecnologias digitais.

Em se tratando das possibilidades em relação à avaliação da aprendizagem, o ideal é que os educadores tenham a oportunidade de passarem por uma sólida formação continuada para,

então, conseguirem utilizar os principais recursos tecnológicos digitais e as estratégias pedagógicas que rompem com a prática do exame. De fato, a avaliação da aprendizagem, tanto no cenário do ensino remoto quanto no ensino presencial, deve se centrar na avaliação formativa, processo que ajuda o professor a ensinar e o estudante a aprender. Fechamos esta reflexão apontando para a necessidade de as práticas avaliativas, em qualquer contexto educacional, serem reconhecidas e utilizadas como atividade-meio e não uma atividade-fim.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 21/04/2021.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Rubricas de Avaliação**. Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Domingos-Fernandes2/publication/339956075\\_Rubricas\\_de\\_Avaliacao/links/5e6fc5c4458515eb5aba58ad/Rubricas-de-Avaliacao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Domingos-Fernandes2/publication/339956075_Rubricas_de_Avaliacao/links/5e6fc5c4458515eb5aba58ad/Rubricas-de-Avaliacao.pdf). Acesso em: 21/04/2021.

FRANÇA-CARVALHO, Antônia Dalva; ARAÚJO, Zilda Tizziana Santos Araújo; SERAFIM, Gisele de Souza; SOUSA, Jucyelle da Silva. A avaliação formativa no ensino remoto: algumas reflexões acerca da ação docente. **Revista Integração**, Curitiba, vol.21, n.1, p.38-46, jan./mar., 2021.

GARCIA, Tania Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; REGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino Remoto Emergencial: proposta de design para organização das aulas**. Natal: SEDIS/UFRN, 2020.

GUEDES, Douglas Souza; RANGEL, Tauã Lima Verdan. Ensino remoto e o ofício do professor em tempos de pandemia. In: SENHORAS, Elói Martins (Org.). **Ensino Remoto e a pandemia de covid-19**. Boa Vista: Editora Iole, 2021, p.17-37.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mito e Desafio**. 46. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

\_\_\_\_\_. **Avaliação mediadora**. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019b.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 7. ed. 2010.

MENEZES, Jones Baroni Ferreira de. Práticas de avaliação da aprendizagem em tempos de ensino remoto. **Revista IMPA**. Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/5384/4232>. Acesso em: 20/11/2021.

OMS. **Histórico da Pandemia de Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 01 mar. 2021.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

QUEROZ-NETO, José Pinheiro de; ANDRADE, Alexandra Nascimento de; SOUZA, Clisivânia Duarte de; CHAGAS, Emanuelle Lorena Teixeira. Avaliação formativa: estratégia no ensino remoto na pandemia de covid-19. **Revista Estudos Avaliação em Educação**, São Paulo, v.33, 2022.

SANTOS, Fabiano; MARQUES, Hellen Jaqueline; CONCEIÇÃO, Maria Aparecida Dias de Moura da. A avaliação da aprendizagem e ensino remoto: o que dizem os professores? **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 27. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Avalia%C3%A7%C3%A3o+e+ensino+remoto+Fabiano+Santos&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Avalia%C3%A7%C3%A3o+e+ensino+remoto+Fabiano+Santos&btnG=) Acesso em: 20/11/2021.

SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz dos; REIS, Júlio Paulo Cabral dos. Aprendizagem e o ensino remoto emergencial: reflexões em tempos de covid-19. In: SENHORAS, Elói Martins (Org.). **Ensino Remoto e a pandemia de covid-19**. Boa Vista: Editora Iole, 2021, p.71-97.

SILVA, Erica Dantas da; COSTA, Maria da Conceição; CORRÊA, Adriana Moreira de Souza. Avaliação da Aprendizagem no contexto do ensino remoto: desafios e possibilidades. **Revista Devir Educação**, Lavras, vol.5, n2, p.267-289 jul./dez., 2021.

VILLAS BOAS, Benigna Maria Freitas. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. **Revista Linhas Críticas**. Brasília, v.12, n. 22, p.75-90, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3283/2966>. Acesso em: 21/04/2021.

WILLIAMS, Richard L. **Preciso saber se estou indo bem: uma história sobre a importância de dar e receber feedback**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.